

**Revolução de Jasmim:
a comunicação em rede nos levantes populares da Tunísia**

Branco DI FÁTIMA¹

Resumo

Este artigo analisa os contributos da comunicação em rede na Revolução de Jasmim, na Tunísia, levando em conta a utilização multimodal de diferentes plataformas de interação social no ciberespaço. Ele aborda o contexto social, econômico e político pré-revolução, as estratégias de organização e mobilização dos manifestantes, o mecanismo de repressão do Estado e a difusão de informação para dentro e fora do país com o auxílio da Internet e de redes sociais online.

Palavras-chave: Revolução de Jasmim. Internet. Comunicação em rede. Redes sociais

Introdução

A queda do presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali, há 23 anos no poder, no dia 14 de janeiro de 2011, depois de quatro semanas de protestos, é provavelmente o acontecimento público mais importante registrado em décadas no Norte da África e Oriente Médio. Mais significativo porque foi além dele próprio e deflagrou uma onda de levantes populares que, como a uma fileira de dominós em cascata, fez desabar as ditaduras no Egito (11 de fevereiro) e na Líbia (20 de outubro), além de acarretar manifestações de descontentamento com modelos de governo em mais de uma dezena de países do mundo árabe, como Argélia, Síria, Iêmen, Marrocos, Jordânia, Bahrein etc.

Para interpretar o gênese das revoltas e entender os seus desdobramentos nos meses subsequentes à Revolução de Jasmim, jornalistas, pesquisadores e estudiosos se esforçaram para explicar os motivos que teriam levado aos protestos. As mais paradoxais explicações emergiram nas páginas dos jornais, em programas de televisão,

¹ Mestrando em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), em Portugal. E-mail: gmfbranco@yahoo.com.br

em artigos de revistas científicas e em livros recém publicados de como as manifestações aconteceram *in loco*, as estratégias de mobilização e as próprias técnicas compartilhadas pelos manifestantes nas ruas.

As luzes dos refletores foram, muitas vezes, direcionadas para a utilização das novas tecnologias de comunicação e informação como um dos mecanismos que garantiram a queda dos regimes autoritários. Em outros casos, intelectuais mais céticos descartaram as novas mídias como fator preponderante nas conquistas e atribuíram os louros da vitória à participação das centrais sindicais, grupos estudantis e movimentos de trabalhadores nas fábricas. Neste caso, o contato face a face teria contribuído para colocar milhões de pessoas na rua, o que também é fato.

Por outro lado, frases escritas em cartazes e muros das cidades do mundo árabe expressavam o agradecimento da população às plataformas de interação social na Internet e “demonstraram o poder das redes”, como observam Allagui e Kuebler (2011). No calor dos acontecimentos, um homem batizou a sua filha recém nascida com o nome de Facebook e, outro, atribuiu ao Twitter o fato de ainda estar vivo. Os dois casos ganharam notoriedade com a ajuda dos veículos de comunicação de massa. Analistas internacionais chegaram a dizer que “a revolução na Tunísia foi twitada”, numa alusão ao documentário *A revolução não será televisionada*, sobre o golpe de Estado na Venezuela, em 2002.

Entrevistas concedidas por líderes políticos, religiosos e ativistas da região, após a queda dos ditadores, sempre suscitaram o contributo das redes sociais online para consolidar as conquistas. As manifestações no mundo árabe foram vendidas, em muitos casos, como “revoluções do Facebook”, “revoltas 2.0” ou até mesmo como levantes que nasceram online e ganharam posteriormente as ruas. Obviamente, cada país envolto na chamada Primavera Árabe guarda as suas particularidades na utilização da comunicação em rede nas manifestações.

No Ocidente, o complexo contexto social e econômico da região foi deixado de lado em outras investigações. O discurso de “revoltas inesperadas” se confundiu com a “espontaneidade dos protestos”. Alguns casos não levaram em conta que há décadas ativistas lutam contra a censura, fraudes eleitorais, torturas, prisões arbitrárias, altos índices de desemprego, corrupção estatal e o empobrecimento de uma porcentagem significativa da população. As greves e protestos sempre existiram. O que nos resta

entender é o que levou ao sucesso desta vez e não em outros anos. Por que os governos só caíram agora, se há décadas as manifestações persistem nas ruas árabes?

Este artigo analisa os contributos da comunicação em rede na Revolução de Jasmim, levando em conta a utilização multimodal de diferentes plataformas de interação social no ciberespaço. Ele aborda o contexto social, econômico e político pré-revolução, as estratégias de organização e mobilização, o mecanismo de repressão do Estado e a difusão de informação para dentro e fora do país. Entendemos aqui as redes sociais de forma mais alargada e que vai além dos espaços de encontro na Internet. Como sugere Cardoso (2011), elas “são o que sempre nos acompanhou enquanto sociedade, na nossa relação diária, com família, com amigos, no trabalho ou quando surge a necessidade de nos juntarmos a outros para atingir objetivos comuns”.

Breve histórico da Tunísia

Os povos fenícios que fundaram a Tunísia, no século 8 a.C., dominavam tecnologias de navegação, com barcos à vela e birremes, que só chegariam à Europa e às Américas milênios mais tarde. O sucesso da travessia pelas águas do Mediterrâneo entre Tiro, no Líbano, com escala na ilha de Chipre, até o território tunisiano, é o resultado do uso das mais avançadas técnicas para enfrentar as tempestades do mar. Comandados pela rainha Elisa Dido, os fenícios fundariam Cartago, que ficou conhecida por abrigar os mais brilhantes arquitetos, médicos e historiadores da época. Não é à toa que o lugar despertou a inveja do Império Romano. As Batalhas de Púnicas levaram à completa destruição da cidade e a ascensão do imperador César Augusto, no Norte da África, em II a.C.

Nos séculos subsequentes a Tunísia passaria pelas colonizações árabes, pelo domínio dos impérios Bizantino e Otomano, invasões alemãs e espanholas, até o protetorado francês. A agricultura e o comércio sempre tiveram papel central na economia desse pequeno país que faz fronteiras com a Argélia, Líbia e que está separado da Itália por apenas 130 quilômetros. Apesar de banhado pelo mar, o deserto do Saara se estende por mais de 40% do seu território. Dos rituais politeístas dos seus fundadores semitas, passando pelo cristianismo e a conversão em massa ao islamismo no século 7 d.C., a religião sempre exerceu forte influência nas decisões do Estado.

Durante a Segunda Guerra Mundial o país é ocupado por tropas nazistas e as batalhas contra os vizinhos deixariam milhares de mortos. Com o término dos confrontos nasce o Movimento Nacionalista Tunisiano (MNT), que cobra o fim do protetorado francês. Os anos seguintes são de conflitos armados até a conquista da independência em 1956. A França finalmente reconhece a monarquia turca como legítima governadora do país. Nas eleições de abril deste mesmo ano, o militar Habib Bourguiba (um dos principais líderes nacionalistas) conquista a presidência com 95% dos votos. Nos meses seguintes acontece a deposição do bey (uma espécie de rei) e a monarquia dá lugar à república na Tunísia.

Nos anos seguintes, Bourguiba aproveita o forte culto à sua personalidade e realiza uma série de mudanças na Constituição, o que lhe transforma em presidente vitalício. Dono de amplos poderes de decisão, ele bane os partidos políticos de oposição e reprime muçulmanos. Segundo Mazrui e Wondji (2010), o objetivo era “recriar a Tunísia à imagem da Revolução Francesa. Esforçando-se em reduzir o papel do islã na sociedade”. Sob “violento debate sobre os méritos da modernidade e da tradição” acontecem nacionalizações de empresas e forte investimento na educação, o que cria uma massa de jovens com diploma, mas sem conseguir ingressar no mercado de trabalho. Os altos índices de desemprego já preocupavam o país há pelo menos 15 anos.

Os primeiros protestos contra o regime de Bourguiba cobram melhores condições de vida, salários mais altos e o combate ao desemprego. A União Geral dos Trabalhadores Tunisianos (UGTT) convoca uma Greve Geral em 1978, que termina com confrontos entre manifestantes e policiais. Inúmeros motins são registrados entre 1979 e 1983. Em janeiro de 1984 o governo corta os subsídios para diversos produtos alimentícios e o preço do pão sobe 115%. A população toma as ruas e violentos embates com militares armados deixam pelo menos cem mortos.

Considerado o mais ocidental dos países do mundo árabe, a Tunísia tem há décadas acordos com os EUA, França e Israel. É também na administração de Bourguiba que o islamismo se reestrutura e ganha adeptos nas universidades e bairros populares. No vácuo deixado pelo Estado, que enfrenta profunda crise econômica com a redução da exportação de fósforo e produtos têxteis para a Europa, líderes religiosos do Movimento da Tendência Islâmica (MTI) desenvolvem projetos sociais em regiões

pobres das grandes cidades, como a implantação de escolas, hospitais, asilos, clubes recreativos e abrigos para mulheres.

É neste contexto de depressão econômica e profunda crise social que o general Zine El Abidine Ben Ali é nomeado primeiro-ministro, em outubro de 1987. Um mês depois, com a ajuda do exército e amparo oficial de uma junta médica que declara o então presidente física e mentalmente incapaz de governar, ele assume a Presidência da República por meio de um golpe de Estado. Era o fim dos 30 anos de Habib Bourguiba (1957-1987) no poder. Ben Ali seria o segundo presidente da Tunísia desde a independência.

No novo cenário geopolítico, o multipartidarismo é posto em vigor para acalmar os ânimos da população. Centenas de presos políticos são libertados com a promessa de crescimento econômico, modernização e liberdade de expressão. Entre as legendas que ainda foram obrigadas a permanecer na clandestinidade está o Hezb Ennahda (ex-MTI), grupo islâmico de oposição mais bem estruturado da Tunísia. Sem oposição organizada, Ben Ali é reeleito cinco vezes, sempre com maioria absoluta dos votos (1989: 99,27% / 1994: 99,91% / 1999: 99,45% / 2004: 94,49% e 2009: 89,62%).

Para Sellier (2004), o discurso de Ben Ali se revelou oposto às ações praticadas. Apesar dos primeiros anos de calmaria, o governo “acentua a repressão contra as manifestações, grupos islamitas” e “desmantela o movimento democrático”. As denúncias são confirmadas em relatório da Anistia Internacional sobre a tortura no país. Na década de 1990, leis aprovadas no parlamento reduzem os direitos coletivos. Partidos políticos ligados a grupos religiosos são banidos e líderes do Hezb Ennahda condenados à prisão perpétua. Manifestações estudantis e greves acontecem em várias regiões e são violentamente reprimidas pelo Estado. Pelo menos 50 empresas são privatizadas na onda neoliberal para modernizar o país e alinhá-lo ao Ocidente.

Um dos primeiros casos de censura a conteúdos da Internet, na Tunísia, foi registrado em 2002. O fundador do TuneZine (um *fanzine* conhecido mundialmente), Zouhair Yahyaoui, é preso em um cibercafé na cidade de Ben Arous. O blogueiro foi condenado a dois anos de prisão por conspirar contra o governo. O crime cometido foi ter divulgado uma carta aberta do juiz Mokhtar Yahyaoui, seu tio, ao presidente. O documento denunciava a falta de independência do poder judiciário e crimes cometidos pela instância em nome do Estado. Assim como ponderam Cardoso e Lamy (2011), “não se censuram pólos que não detêm qualquer poder no espectro interno ou

internacional” e, ainda, “parece inegável que a censura, em especial em momentos fulcrais da política, indiciam uma importância, nem que seja em potência”.

De acordo com informações da ONG Ciranda da Comunicação Compartilhada², a primeira década do século XXI foi marcada pela censura de livros didáticos, órgãos de comunicação e violações dos direitos humanos na Tunísia. A vigilância de e-mails, bloqueio de sites noticiosos e prisões políticas relacionadas ao ciberativismo foram adotados pelo regime. Centenas de protestos também aconteceram, mas tiveram pouco espaço nos jornais manipulados pelo governo. Ben Ali controlava a imprensa interna e jornalistas estrangeiros tinham dificuldades para trabalhar no país. Não é por mero acaso que os países do mundo árabe ocupam as últimas posições no ranking de liberdade de imprensa da ONG Repórteres Sem Fronteiras. A Tunísia está no 134º lugar em uma lista que avaliou 179 nações em 2011.

Atualmente a Tunísia tem 11 milhões de habitantes e ocupa a 94ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas (ONU). Surpreendentemente, o regime de Ben Ali investia cerca de 7% do PIB na educação, o que deixa para trás países como Noruega (6,8%), Portugal (5,2%) e Brasil (5,2%), segundo a ONU. Mas o desemprego atingia 13,3% da população e, em algumas regiões, ultrapassava os 40% entre os jovens com curso superior, de acordo com os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Uma antiga lenda³ conta que a rainha fenícia Elisa Dido, responsável pela fundação da primeira cidade-estado da Tunísia no século 8 a.C., foi pedida em casamento pelo rei Hierbas. Ele ameaçava destruir Cartago e escravizar o povo caso ela não aceitasse. A monarca não queria entregar os seus súditos ao massacre, mas também estava decidida a não se casar novamente em memória do ex-marido. Então, a rainha mandou construir uma imensa fogueira à beira-mar, queimou dezenas de animais em um ritual místico, e em seguida se atirou no fogo para salvar o país da destruição. O mesmo gesto de desespero foi repetido em 2010, por um jovem tunisiano, e seria o estampido da Revolução de Jasmim. Segundo Lynch (2011), “costuma-se dizer que ninguém viu as revoltas por vir, mas isso não é verdade. Cada eleição fraudulenta, cada prisão de dissidentes, cada relatório da crise de desenvolvimento humano, cada repressão soaram como advertências” nos ouvidos moucos da ditadura.

² www.ciranda.net/ciranda-mundi/article/os-garotos-de-zarzis

³ www.paideia.blog.br/files/curso/7.2%20Dido,%20rainha%20de%20Cartago.pdf

Comunicação em rede e a Revolução de Jasmim

Compreender a onda de protestos populares que levou à deposição de Ben Ali e as estratégias de planejamento, organização, compartilhamento de informações e mobilização, que tornaram possíveis as reivindicações, exige um recuo no tempo. As agências de notícia e órgãos de imprensa do Ocidente, que normalmente cobrem os países do Norte da África e Oriente Médio, só deram atenção às manifestações que aconteciam na Tunísia no início de janeiro de 2011. Essa transformação tardia de acontecimento público em notícia dificulta a recuperação de dados sobre as primeiras semanas da revolução. O trabalho de recolher pistas, localizar fontes e traçar um cronograma de como os eventos de fato aconteceram é moroso e repleto de lacunas históricas.

Na sexta-feira, dia 17 de dezembro de 2010, Mohamed Bouazizi, de 26 anos, vendia verduras nas ruas de Sidi Bouzid, cidade no centro do país, a cerca de 300 quilômetros de Túnis (capital) e casa de pouco mais de 70 mil habitantes. O jovem, técnico de informática desempregado, trabalhava para ajudar a família desde os dez anos. Naquela manhã, no entanto, seu carrinho e mercadorias seriam confiscados pela polícia, segundo alegações de que ele precisava de uma licença do governo para trabalhar.

Outra versão veiculada pela imprensa internacional, semanas depois do ocorrido, relata que os oficiais teriam cobrado propina de Mohamed e que ele teria se recusado a pagar. Por causa disso, foi humilhado e agredido na frente de várias pessoas. Uma policial é suspeita de ter dado “um tapa no rosto” do jovem. A mulher em questão, Fadia Hamdi, de 47 anos, nega as acusações. Em artigo⁴ publicado pela revista Carta Capital, ela diz que não bateu em Mohamed. “Era impossível porque sou mulher e vivo em uma comunidade árabe tradicional que proíbe que uma mulher agrida um homem”.

As versões se contradizem, mas o fato é que naquele mesmo dia Mohamed Bouazizi se dirigiu até a Prefeitura de Sidi Bouzid para tentar reaver os produtos e prestar queixa contra a suposta abordagem da polícia. Ele não teria sido recebido pelo representante do governo na cidade e, mais uma vez, foi humilhado por causa das

⁴ www.pensargeo.wordpress.com/2011/05/25/a-lenda-da-primavera

roupas que usava. Já do lado de fora do prédio, Mohamed encharcou o corpo de gasolina, riscou um palito de fósforo e se auto-imolou. Os pedestres que passavam pelo local filmaram com seus celulares o corpo em chamas do rapaz e o levaram, com queimaduras de 3º grau, para um hospital da cidade.

O fogo não matou Mohamed imediatamente e os vídeos da auto-imolação foram parar na Internet. Naquela tarde de inverno, dezenas de vendedores ambulantes de Sidi Bouzid, que conheciam o rapaz, protestaram na porta da prefeitura. Eles cobravam explicações do governo para o caso e pediam a punição da mulher acusada da agressão. Um primo de Mohamed teria feito as primeiras filmagens da manifestação na cidade e postado em redes sociais.

Os dias seguintes são marcados por marchas pacíficas e repressão policial. Os vídeos de Mohamed e das movimentações populares são assistidos milhares de vezes pelo YouTube e no Dailymotion. As informações que protestos aconteciam em Sidi Bouzid rapidamente foram compartilhadas pelo Twitter e Facebook. Em bairros populares, onde o índice de acesso a um computador é baixo, o contato face a face ajudava a espalhar as notícias e mobilizar a população. Segundo dados da Agência de Internet da Tunísia⁵, referentes a maio de 2011, pelo menos quatro milhões de pessoas (36,4% da população) tinha acesso à rede no país. Destas, 84% entram de casa e apenas 24% frequentam os mais de 300 cibercafés mantidos pelo governo.

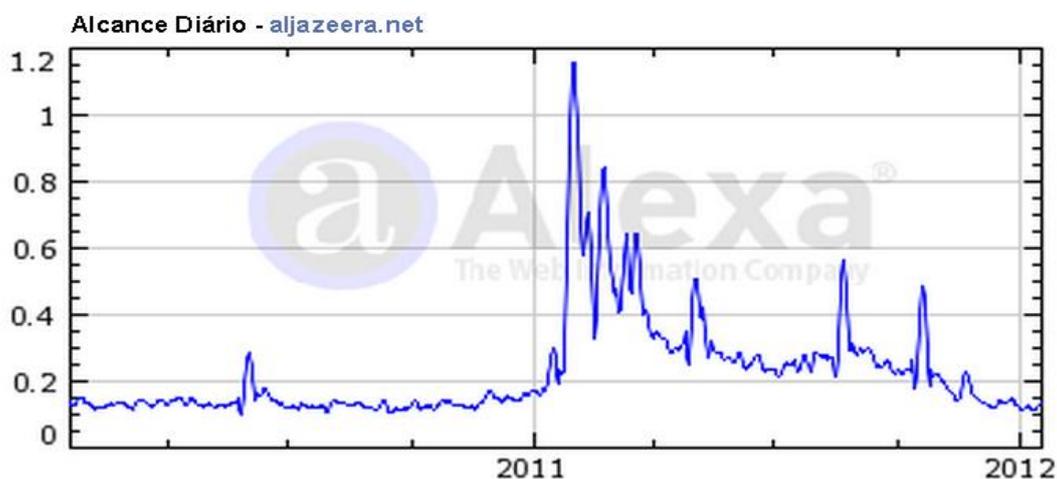
A primeira rede de televisão a noticiar os acontecimentos no país foi a Al-Jazeera, que fez uma reportagem com a família do jovem e intensificou a cobertura dos protestos. Para contornar as barreiras impostas pelo regime de que jornalistas estrangeiros só poderiam trabalhar com autorização prévia, a emissora do Catar utilizou informações publicadas por blogueiros e nas redes sociais. Para Alexander e Miriyam (2011), a Al-Jazeera “não poderia ter transmitido a revolução sem ter fontes sérias, da Internet, que acrescentaram pontos de inflexão na cobertura”. A emissora utilizou o jornalismo cidadão para driblar a dificuldade e os riscos de manter profissionais nos locais de tensão.

⁵ www.ati.tn

A Al-Jazeera também retransmitiu, gratuitamente, a sua programação via satélite para dispositivos móveis e celulares dentro da Tunísia. A estratégia foi adotada para driblar o fato do regime de Ben Ali ter bloqueado o sinal de emissoras estrangeiras que cobriam as manifestações no país. A audiência online da Al-Jazeera cresceu mais de 2.500% durante a Revolução de Jasmim, de acordo com dados rastreados pela empresa Alexa Internet Inc., em 2011.

Outro mérito da cobertura da Al-Jazeera foi alargar o nicho de pessoas que teriam acesso às informações sobre o levante, já que o acesso à Internet era limitado no país. Pequenas vilas e grandes metrópoles do mundo árabe também viram pelas lentes da emissora as manifestações que ganhavam corpo nas ruas da Tunísia. Um importante líder islâmico, questionado ‘por que a revolução não aconteceu na década passada’, pelo jornalista da revista *Time*⁶, Kurt Andersen, não hesitou em responder que "a Al-Jazeera e a Internet foram a diferença, especialmente a Al-Jazeera. Todo mundo assiste TV", disse ele.

Figura 1



Fonte: www.alexa.com/siteinfo/aljazeera.net

Nesta altura dos acontecimentos, rádios comunitárias já davam visibilidade às manifestações e também mobilizavam a população em bairros populares, como Ettadhamen. Um exemplo da utilização dessa ferramenta foi o trabalho desenvolvido

⁶ www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102132,00.html

pela Rádio Seis⁷, emissora fundada por jornalistas tunisianos que se aproveitaram da falta de leis para regular a radiodifusão online no país. Inaugurada em 10 de dezembro de 2007, Dia Internacional dos Direitos Humanos, a emissora era um dos poucos veículos de imprensa que não pertenciam ao regime.

Na última semana de dezembro de 2010 os protestos haviam se espalhado por um raio de cem quilômetros, alcançando cidades como Kasserine, Thala e Regueb. No início de janeiro, mês tradicional de protestos na Tunísia, milhares de pessoas marcharam pacificamente em Túnis e foram reprimidas pela polícia com balas de borracha, golpes de cassetete e bombas de gás lacrimogêneo. As passeatas chegaram a reunir mais de 300 mil pessoas na capital.

No dia 2 de janeiro os sites do governo começam a ser atacados por hackers de fora do país. As ações foram reivindicadas pelo grupo Anonymous e pelo menos 14 páginas oficiais ficaram fora do ar. Entre elas estavam a do primeiro-ministro, da Presidência da República, do Ministério das Relações Exteriores, do partido de Ben Ali e da bolsa de valores, o que ajudou a aumentar os estragos financeiros advindos do levante. Segundo relatório da empresa Geopolicity⁸, o prejuízo da Revolução de Jasmim para as contas públicas pode ter ultrapassado os US\$ 2 bilhões (5% do PIB).

Os celulares também se transformariam em ferramentas multifuncionais nas mãos dos rebeldes. Eles compartilhavam informações por SMS, técnicas para se proteger das balas de borracha e do gás lacrimogêneo. As câmeras de vídeo embutidas nos aparelhos foram responsáveis por registrar os ataques da polícia e as passeatas que, inevitavelmente, iriam parar na Internet. Até mesmo o sistema de GPS de alguns aparelhos foi usado para localizar as melhores rotas de fuga e zonas de conflito. De acordo com o Ministério da Informação e Tecnologias de Comunicação da Tunísia⁹ existem mais de 11 milhões de linhas de celular no país, ou seja, 100% de penetração.

Em 4 de janeiro, às 17h30, Mohamed Bouazizi é declarado morto em decorrência das queimaduras da auto-imolação. O governo havia descumprido a promessa de enviar o jovem para tratamento médico na França. Cerca de cinco mil pessoas participaram da procissão fúnebre e os confrontos se intensificaram em Túnis.

⁷ www.radio6tunis.net/home

⁸ www.geopolicity.com/upload/content/The-Cost-of-the-Arab-Spring.pdf

⁹ www.mincom.tn/index.php?id=287&L=2

Ben Ali aparece na televisão, no dia 10, para pedir calma. Ele acusa os manifestantes de “atos terroristas” e prometeu criar 300 mil postos de trabalho até 2012, mas os tunisianos já estavam descrentes com o regime há décadas.

A própria imagem do presidente passava por um período de baixa credibilidade e aceitação. Semanas antes do início dos protestos, um telegrama secreto enviado pelo então embaixador dos Estados Unidos na Tunísia, mas vazado pelo WikiLeaks¹⁰, chamava a mulher de Ben Ali, a ex-cabeleireira Leila Trabelsi, de 54 anos, de “líder de um clã semimafioso”. Ela e os irmãos eram acusados de controlar a economia do país e receber propina de empresas multinacionais.

As denúncias de corrupção e problemas sociais também já haviam se transformado em versos cantados pela nação. Um mês antes da Revolução de Jasmim, um rapper famoso na Tunísia, chamado Hamada Amar, postou na Internet a música *Rais Lebled*¹¹ (Para o presidente) e teve milhares de *views* no YouTube. A letra dizia, “Sr. Presidente, seu povo está morrendo / Olhe para o que está acontecendo / Miséria em todos os lugares / Eu falo sem medo / Embora saiba que terei problemas”. Na avaliação de Castells (2011), sobre o gesto do artista, “é na conexão entre a juventude e a cultura da Internet que está a raiz do novo poder popular”.

A sofisticada rede de comunicação, construída pela revolução, reuniu ações online e offline que vão desde mobilizações boca a boca em regiões pobres, auxílio de ciberativistas espalhados no globo, trabalho de rádios comunitárias, utilização da Internet, até a cobertura de uma das maiores emissoras de televisão do mundo. Para Castells (2011), “não é a comunicação que deu origem às revoltas. Estas têm causas profundas na miséria e na exclusão social (...)”, mas, “sem esta nova forma de comunicação a revolução não teria as mesmas características: a espontaneidade, a falta de liderança e o envolvimento (...)” de diferentes tendências sob a mesma bandeira. Muçulmanos e católicos, homens e mulheres, jovens e idosos, artistas e operários, moradores de bairros populares e da classe média instruída marchavam lado a lado pela mesma causa, a queda de Ben Ali.

Obviamente, é certo pensar que as plataformas de relacionamento social na Internet foram utilizadas para compartilhar informações e planejar protestos entre as

¹⁰ www.perfil.com/contenidos/2012/01/26/noticia_0023.html

¹¹ www.youtube.com/watch?v=-jdE_LpmAIQ&feature=related

peças que tinham acesso à rede online naquele momento. Segundo Raouf (2011), o Facebook reunia cerca de 2,5 milhões de usuários (21% da população) no país e, o Twitter, aproximadamente 36 mil (0,32%), em 2011.

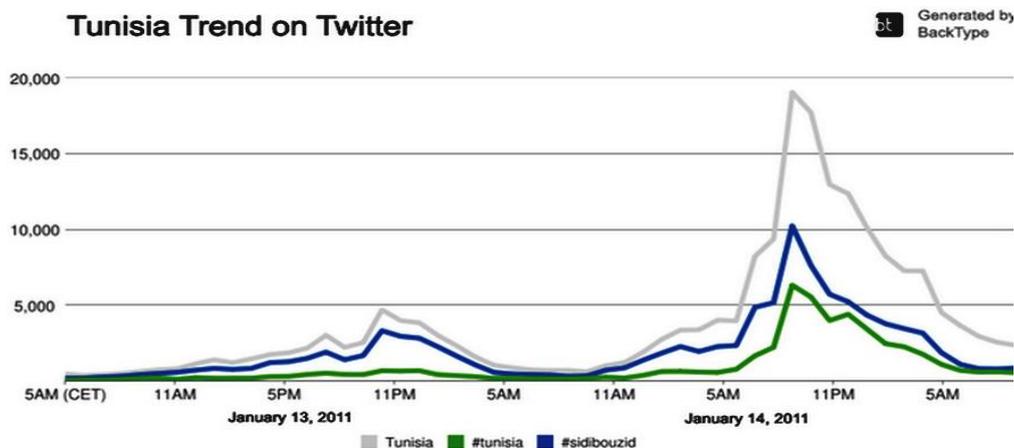
No entanto, é importante pontuar que esses mesmos ativistas online transmitiam, por outros canais e meios, as mensagens para um público alargado e exclusivamente offline. Um fluxo de informações que ia facilmente de uma página no Facebook para o boca a boca nos bairros populares de Túnis. Dos vídeos no YouTube para as rodas humanas nos cafés dos mercados e centros comerciais. De um *post* no Twitter até o megafone na praça central das cidades de Sfax ou Regueb.

É plausível levar em conta que o caminho inverso do fluxo de informações também era percorrido, já que os ciberativistas se retroalimentavam dos acontecimentos nas ruas para inflamar os debates na rede dentro e fora da Tunísia. Eles foram os primeiros a dar visibilidade internacional aos protestos até então ignorados pela imprensa estrangeira no país.

Os ativistas reuniram no Twitter, sob os *hashtags* #freetunisia, #sidibouzid e #tunisia, dicas de como se proteger da polícia nos protestos, os lugares de encontro das manifestações, as áreas da cidade mais policiadas e até confrontaram informações veiculadas pela imprensa do regime. Segundo a blogueira Lina Ben Mhenni¹², “não havia jornalistas fazendo este trabalho. E a mídia oficial começou a contar mentiras sobre o que estava acontecendo” nas ruas. De acordo com a empresa de rastreamento de tráfego Back Type¹³, do mesmo grupo empresarial do Twitter, pelo menos 170 mil mensagens com o *hashtag* #sidibouzid foram disparadas entre 12 e 19 de janeiro, por mais de 40 mil usuários.

¹² www.atunisiangirl.blogspot.com

¹³ <http://blog.backtype.com/2011/01/analysis-of-the-tunisia-twitter-trend/>

Figura 2

Fonte: www.backtype.com

No dia 14 de janeiro, data em que Ben Ali fugiu para a Arábia Saudita, foi registrado um pico de 28 *tweets* por segundo na Tunísia. O alcance das mensagens é incalculável, dada a importância dos nós que formaram a rede de comunicação (muitos para muitos) dos ativistas, como Dima Khatib (82 mil seguidores), Lina Ben Mhenni (11 mil), Sami Gharbia (9 mil), Hasan Almustafa (8 mil seguidores) etc. Para Allagui e Kuebler (2011), “os movimentos árabes provaram o poder das relações sociais para o ativismo”, já que os “membros das redes criaram conteúdo e os distribuíram para amigos, famílias e membros de outras redes”, muitas vezes offline, e “esta distribuição chegou à grande mídia e canais por satélite (...)” em todo o mundo, como a Al-Jazeera e, posteriormente, BCC, CNN, RTP, Rede Globo etc.

Considerações finais

A Internet, antes de tudo, foi para a Revolução de Jasmim um espaço de construção do dissenso coletivo, já que as leis na Tunísia proibiam as pessoas de realizarem reuniões públicas prolongadas. Por mais que a rede estivesse sendo fortemente vigiada naquele momento, por cerca de “dois mil policiais online” e vários sites fossem bloqueados, como sugerem Allagui e Kuebler (2011), o ciberespaço ainda era o lugar mais seguro para partilhar informações e planejar os próximos alvos. “Pode-

se assim argumentar que os movimentos sociais também se forjam na Internet e nas redes sociais”, como argumentam Cardoso e Lamy (2011).

A mensagem de erro *404 not found*, que na Tunísia indicava quando um site era barrado pelo regime, também não paralisou as manifestações. Ao contrário, alimentou os protestos dia após dia, já que o bloqueio de fontes online forçou com que as pessoas fossem para a rua em busca de informação. Como afirma Castells (2011), os ativistas eram motivados a “construir um sistema de comunicação e organização, sem centro e sem líderes, que funcionava de forma eficaz contra a censura e a repressão”.

Para cada página web fora do ar, cada jornalista preso, cada informação interceptada, uma nova estratégia surgia para driblar os agentes da ditadura e era rapidamente espalhada nas redes sociais. Para Cardoso e Lamy (2011), “falar de formas de relação social na Internet é discutir como os cidadãos apropriam as novas possibilidades de comunicação, como se posicionam face às suas vantagens e dificuldades”. O blogueiro Amr Gharbeia, em entrevista para Alexander e Miriyam (2011), parece concordar que “desligar a tecnologia não desliga a rede social, porque se trata de pessoas e não de tecnologia”.

Para Castells (2011), assistimos com a Revolução de Jasmim “emergir um novo sistema de comunicação de massas, construído com a mescla interativa e multimodal entre televisão, Internet, rádio, plataformas de comunicação móveis” e outras. Nesta perspectiva, a apropriação das mídias se moldou ao contexto social, político e econômico, às escolhas das pessoas, aos hábitos em comunidade, às relações estabelecidas com família, amigos e parceiros. “A Internet e suas ferramentas foram as escolhas de jovens revolucionários porque já eram ferramentas que a sua geração tinha escolhido para a comunicação na vida diária” (Alexander e Miriyam, 2011).

A última mensagem escrita por Mohamed Bouazizi para a sua família, antes de se auto-imolar, teria sido supostamente deixada no Facebook ou, para autores mais céticos, em um pedaço velho de papel. Na comunicação em rede o suporte importa menos que o conteúdo. A mensagem transcende mídias digitais e analógicas para se (re)configurar nos desejos profundos da construção de projetos coletivos de mudanças sociais. Num gesto de premonição, o jovem diz adeus: “Estou viajando mãe. Perdoe-me. Reprovação e culpa não vão ser úteis. Perdoe-me se não fiz como você disse e desobedei suas ordens. Culpe a era em que vivemos, não culpe-me (...)”.

Referências

ALEXANDER, Anne; AOURAGH, Miriyam (2011). **The Egyptian Experience: Sense and Nonsense of the Internet Revolution**. In: International Journal of Communication, Vol. 4. Disponível em <www.ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/1191/610>. Acesso: 8 de jan. de 2012.

ALLAGUI, Ilhem; KUEBLER, Johanne (2011). The Arab Spring and the Role of ICTs. In: **International Journal of Communication**, Vol. 4. Disponível em <www.ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/1392/616>. Acesso: 20 de jan. de 2012.

ANDERSEN, Kurt (2011). The Protester. In: **Times Magazine**. Disponível em <www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2101745_2102132,00.html>. Acesso: 15 de jan. de 2012.

CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia (2011). Redes sociais: comunicação e mudança. In: **E-journal of International Relations**, Vol. 2, Nº 1. Disponível em <observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6>. Acesso: 12 de jan. de 2012.

CARDOSO, Gustavo (2011). Mudança Social em rede. In: **Políticas sociais ideias e práticas**, São Paulo: Moderna LTDA. Disponível em <www.centroruthcardoso.org.br/anx/Políticas_Sociais_Final.pdf>, pp. 219-258. Acesso: 15 de jan de 2012.

CASTELLS, Manuel (2011). La wikirrevolución del jazmín. In: **La Vanguardia**. Disponível em <www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110129/54107291983/la-wikirrevolucion-del-jazmin.html>. Acesso: 20 de jan. de 2012.

HOUNSHELL, Blake et al (2011). **Revolution in the Arab World**. Washington: Foreign Policy, pp. 01-22.

JONES, Adam (2011). **Rais Lebled (To the President) - Hamada Ben Amor (El Général)**. Disponível em <<http://newantheims.blogspot.com/2011/01/raies-lebled-hamada-ben-amor-el-general.html>>. Acesso: 26 de jan. de 2012.

MAZRUI, Ali A; WONDJI, Christophe (2010). **História geral da África**, Vol. VIII: África desde 1935. Brasília: Unesco, pp. 154-157 e 800-806.

RAOOF, Ramy (2011). The internet and social movements in North Africa. In: **Global Information Society Watch - Internet rights and democratization**. Disponível em <http://giswatch.org/sites/default/files/gisw2011_en.pdf>, pp. 38-41. Acesso: 15 de jan. de 2012.

SELLIER, Jean (2004). **Atlas dos povos de África**. Lisboa: Campo da Comunicação.